

SEMIÓTICA, CULTURA E EDUCAÇÃO: CONVIVENDO COM A DIVERSIDADE DISCURSO EDUCAÇÃO: VALORES E TENSÕES

Eliana Meneses de Melo

(UBC – UERJ) demelo@uol.com.br

Implícito à temática Cultura e Educação está a diversidade, principalmente quando o olhar investigativo tem como cenário o Brasil. A Educação seja, qual for a modalidade para ela atribuída, é plural em linguagens que expressam valores da sociedade, de comunidades e dos indivíduos. A proposta para este Simpósio recai sobre o Discurso Educação - nas bases conceituais da Semiótica - concebido como lugar de manifestação de leituras de mundo dos diferentes seguimentos sociais que gravitam em torno desse discurso e seus *sujeitos semióticos*. O percurso escolhido tem sua primeira ação na identificação da axiologia educação no que tange ao Poder. Avalia como os valores são assumidos pelas instâncias sociais a partir da repercussão nos espaços midiáticos contemporâneos e „a cultura do novo capital.“ Analisa os diferentes sujeitos, intencionalidades e *valores* no âmbito do Discurso Educação.

Sendo a linguagem fruto do trabalho coletivo, sua existência pressupõe sempre a coletividade, em relação divergente a qualquer possibilidade, ainda que remota, de *monodiscursividade* social. Ao se destacar a existência de vários *sujeitos semióticos* no Discurso Educação, compreende-se haver multiplicidade, diversidade de traços culturais que sustentam os universos discursivos de origem e ao mesmo tempo é perceptível o reconhecimento necessário de *valores* convergentes tais como *pleno exercício da cidadania, desenvolvimento humano, qualidade de vida da população*, expressos no Plano Nacional de Educação. Eles relevam pontos comuns: uma identidade na diversidade.

Nesse sentido, há uma adesão ao que se constitui em valores coletivos. Há um *crer* que transfere legitimidades aos valores e autoriza movimentação e interação no âmbito da sociedade. Dessa forma, o Discurso Educação é a somatória de todos universos discursivos gerados e em circulação nas dimensões sociais que se relacionam com educação institucional ou nas demais tipificações. Qual seria o universo de discurso que, seja qual for seu estatuto, não seja possuidor de uma intersecção, ainda que ínfima, com educação – formação?

O Discurso Educação abarca outros universos de discurso numa relação de complexidade, própria da sociedade que o produz. Em níveis de macros estruturas, os Discursos Político, Jurídico, Econômico e Midiáticos se constituem em objeto central da investigação. São analisadas as relações de tensões e confrontos entre sujeitos e valores Direitos Humanos e Discurso Econômico, tendo como ponto de partida matérias publicadas no Jornal Folha de SPaulo: *Desigualdade Educacional é ainda maior que a renda*, de Antônio Góis (Cotidiano, 24/12/07) e *Educação e Direitos Humanos*, de Vernor Muñoz (Opinião, 3/2/08).

A escolha do Discurso Jornalístico como fonte emissora do *corpus* inicial se justifica na medida em que é pelo discurso jornalístico que passam os fatos e opiniões sobre os episódios do nosso cotidiano social e político. Apóia-se na função mais imediata da produção discursiva do jornalismo: informação e comunicação, aliada à necessidade de revestir de verdade os acontecimentos. Há um fato, conta-se o fato, o leitor lê a narrativa produzida pelo jornalista. Todavia, entre o fato e o texto, há um percurso para a construção da notícia. Desta forma, não podemos conceber o discurso jornalístico como *espelho do mundo* que reflete.

Inserido no universo midiático, o jornal é um hipertexto que dá origem a vários outros textos, elaborados pelas diferentes decifrações realizadas pelo sujeito leitor. Por esse enfoque, podemos dizer que todo olhar sobre um fato produz um discurso e cada leitura desse discurso gera tantos outros textos. O híbrido discurso jornalístico é composto por diferentes fontes, lida com elementos extralingüísticos e complexos, até se configurar em produto para leitura. No que diz respeito à sua eficácia enquanto discurso, ela reside justamente na capacidade de estabelecer diálogo com diversos leitores e com os vários discursos que os alimenta. Assim, torna-se necessário sustentar-se em sujeitos que os apóie na elaboração da credibilidade e que venham a compor a neutralidade de que necessita ver presente na superfície textual.

O Jornal se abre para o outro, para o sujeito que expresse opinião, que analisa e interpreta a realidade em suas anomalias e particularidades. Respalado na semiótica e nos trabalhos de Greimas, foi realizada a análise das estruturas discursivas e narrativas do *corpus*. O procedimento permitiu a realização de uma leitura na qual se destacam os valores *garantias individuais, direito sociais, pessoa/cidadania*. Com a finalidade de se avaliar os confrontos e tensões, as interpretações foram efetuadas por um outro olhar: Mercado e Consumo.

Ao ser analisado o conjunto de valores do Discurso Educação evidencia-se que implícito à *cidadania, desenvolvimento humano e qualidade de vida*, estão as práticas emanadas pelo *sujeito mercado*. Observa-se uma relação de dependência entre o que se configura objeto-valor da sociedade, intencionalidades do Discurso Econômico e o sujeito mercado, na medida em que os cenários econômicos se situam no palco da Sociedade do Conhecimento, para a qual o *saber/conhecimento* torna-se ação estratégica: programa narrativo fundamental para que se realize a junção com objeto-valor: *pleno exercício da cidadania, desenvolvimento humano, qualidade de vida da população*.

No espaço da economia globalizada e fluida, o *sujeito – cidadão* que atende as demandas sociais é possuidor de competências específicas: identificar e resolver problemas, analisar símbolos, criar e trabalhar a informação. É justamente da capacidade do *sujeito-cidadão* em corresponder às exigências sociais contemporâneas que se dá a vitória do *sujeito mercado*. *Caos e Complexidade* é o contexto do Discurso Educação, no qual os resultados de todas ações estão relacionadas.

O Discurso Educação é fonte constante de questionamento, investigação, propostas e metas. O que se percebe é que os valores desejáveis e metas para a educação são semelhantes para todos os discursos que passam pela educação (os semas não convergem) Trazendo para este contexto o Fórum Mundial de Educação -Dakar 2000 – e os objetivos lá estabelecidos para educação: nele governos, organizações, agências, grupos e diversas associações firmaram compromisso em se mobilizarem, em políticas nacionais e internacionais em favor da Educação para Todos (EPT), *principalmente no nível básico, promover a equiparação entre os gêneros, promover políticas dentro do marco setorial integrado e sustentável, articulado com a eliminação da pobreza*.

A referência a Dakar torna-se relevante na medida em que a tematização dos discursos termina por nos conduzir as questões educacionais do Brasil e do Planeta Terra. Em termos discursivos, parece correta a interpretação sobre os agentes motivadores dos textos analisados. Ambos se nutrem nas avaliações e metas para a educação, estabelecidas no Fórum Mundial de Educação. Estamos diante de um discurso fonte, gerador de vários outros discursos e que dá origem a uma rede discursiva em torno de diversas ações, interpretações e valores sobre o Discurso Educação. Nos textos analisados são semelhantes os objetos valores e as intencionalidades, ainda que os percursos sejam diferentes.

Educação e Direitos Humanos

Um primeiro ponto de nossa leitura localiza-se em torno dos valores em circulação. Recorrendo aos recursos oferecidos pela semiótica greimasiana, procuramos identificar e analisar os atributos dados a Educação e Direitos Humanos. Direcionamos a investigação para os aspectos temáticos, os sujeitos manifestados e implícitos na enunciação e para os componentes semânticos. Como primeira referência, lançamos nossa atenção para o processo de enunciação do discurso jornalístico e os sujeitos. Diferenciamos dois sujeitos: Folha de São Paulo e Vernor Munõz. Este segundo, um enunciador autônomo em relação ao primeiro, embora haja ligações acentuadas pela natureza do veículo e nos aspectos do hipertexto que é o jornal .

Em *Educação e Direitos Humanos* encontramos os termos a partir dos quais torna-se possível compreendermos o campo semântico onde se situa o termo educação: “o direito á educação é uma garantia individual e um direito social cuja expressão máxima é a cidadania.” Há uma implicação direta entre os termos *garantia individual*, *direito social* e *cidadania*. Valores e identidade coletivos e individuais são atores de um discurso que existe na medida em que haja sociedade e igualmente em termos inversos.

A educação é apresentada como maior valia, personificada em sujeito. Do direcionamento de suas ações, entramos em sintonia com a riqueza em oposição à pobreza. É o sujeito de uma voz coletiva que só se manifesta na medida em que integra sua riqueza na totalidade dos seres humanos, nas dimensões *espiritual*, *material*, nas *realizações dos sonhos*, no *emocional*.

Para o enunciador, o ser humano se reveste em *dignidade* através da educação, nas realidades *individuais*, *coletiva*, nas *representações culturais* e nos *povos*. Como sujeito, a educação está entre os *principais instrumentos internacionais de direitos humanos*, posto que integra dialeticamente *individualidade/comunidade* , *cidadão/sociedade*. Transforma o indivíduo e, em decorrência, a sociedade. Gera respeito, harmonia e equilíbrio: *pessoas*, *culturas* e *povos*.

Plural em sua configuração, a educação é um sujeito coletivo. O enunciador nos revela outros olhares para o mesmo sujeito. Expressos em valores opostos, a educação transforma-se em objeto para o sujeito mercado, para quem o efeito da educação é um *serviço* e não um *direito*: instrumento disciplinador do mercado. Adjuvante do discurso econômico na busca por melhores resultados, *instrumento reprodutor dos mecanismos de acumulação*.

A condição de adjuvante do crescimento econômico coloca a educação em um cenário de tensões e confrontos em dimensões planetárias. Por um lado, há os organismos Internacionais para os quais o atributo é financiar a educação. Essa ação só pode ter efeito na medida em que os valores da educação e sua *maior valia* são reconhecidos, Além disso, *os países pobres não são aliviados de suas dívidas* para que possam investir mais em educação. Em decorrência, temos países pobres e ricos:

A separação entre propósitos e ações na educação opera no macro das desigualdades e assimétricas estruturas, em que também se promove a falsa idéia de que o desenvolvimento macroeconômico é o objetivo principal da educação, usualmente considerada como um ‘gasto’ e não como um Direito Humano.

Sem dúvida que o contraditório se evidencia na fala do sujeito. *Custo* e *formação* são termos identificáveis nos níveis interpretativos, sustentados pela análise semântica: *custo* social (perdas) e *formação* para o mercado. Temos, então, a sociedade, no que diz respeito à educação, apenas numa junção marcada por valores em sintonia no nível da superfície discursiva, já que os traços de sentido não equivalem

Desigualdade social é maior que a renda

Antonio Grois trouxe para o cenário analisado uma afirmação sobre a educação brasileira: “*O abismo que separa pobres e ricos no país em termos de aprendizagem é maior que o verificado na desigualdade da renda.*” Semelhante ao texto anterior, o sujeito do discurso jornalístico busca conexão com o leitor pela fala do outro sujeito: José Francisco Soares.

Na formulação inicial recebemos do jornalista um enunciado que nos revela o espaço social e ao mesmo tempo o reflete, reiterando o impacto da própria manchete: *Desigualdade educacional é maior que a renda.* Realizado o recurso manipulatório, resta-lhe agir em conformidade com o estatuto discursivo do discurso jornalístico, qual seja: mostra-se neutro, informador dos fatos.

No caso em análise, de um sujeito para o outro, os percursos narrativos se intercalam. O sujeito do discurso jornalístico narra as reflexões do sujeito pesquisador, produzindo um efeito de verdade e sustentando a sua credibilidade.

Para que seja compreendido o objeto de nossa análise, abrimos um pequeno espaço para apresentação de uma síntese do trabalho do pesquisador da UFMG . Ele realizou uma avaliação sobre a educação brasileira servindo-se de parâmetros semelhantes aos do índice Gini, que é uma fórmula usada pelos economistas para avaliar o grau de desigualdade de renda de um país.

O estudo revela em seus resultados que a desigualdade econômica é maior que a desigualdade educacional: Afirma o pesquisador: “*Não podemos querer que todos aprendam o mesmo em todas as áreas. (...) Quando eu olho uma boa escola, é preciso que ela tenha um grupo de excelência, mas que seja também capaz de garantir níveis básicos de aprendizado para todos.*”

Parece-nos nítido que o enunciador nos apresenta a educação através de uma relação metonímica (escola). Ao mesmo tempo está presente em sua fala uma relação lógica, segundo a qual boa educação implica em boa escola e vice-versa. A boa escola é competente na medida em que consegue realizar um programa narrativo no qual todos os estudantes aprendam. Vale lembrar que a competência do sujeito semiótico se define pelo *o que faz ser*, é da ordem do *ser* e não do *fazer* (Greimas : 1979).

O pesquisador, a partir de ponto de visto dele, coloca-nos de frente a um ponto intrigante sobre a educação no Brasil. Se uma escola, entendida como sujeito semiótico, para ser competente deve obter esta avaliação pelo *o que faz ser*, nossas escolas estão em total distanciamento da competência em termos positivos. Ao sujeito escola é atribuído um *dever fazer*, todavia esse sujeito está modalizado pelo não *saber fazer*.

Os índices divulgados pelos sujeitos oficiais do Discurso Educação são marcas reveladoras da não competência do sujeito educação, da escola. Reside neste ponto o temor do pesquisador: *o preocupante no caso brasileiro é que possa acontecer com a educação o mesmo que ocorreu com a economia (década 70) ou seja: as médias crescem sem que a desigualdade diminua.*

O pesquisador chama nossa atenção para os sujeitos oficiais que transitam pelo Discurso Educação. Tenhamos em mente que índices negativos na Educação ressoam sobre os sujeitos do Poder, além da sociedade como um todo. Não nos esqueçamos também das classificações internacionais dos países que levam em consideração em suas avaliações os resultados de aprendizagem e nível de escolarização do povo. Justifica-se o medo do enunciador: criar resultados positivos no *modo do parecer ser*, de que se crie um *efeito se sentido* em torno da educação.

Mediante estudo das estruturas discursivas e narrativas, destacam-se os valores *garantias individuais, direito sociais, pessoa e cidadania*. Permeando todos os discursos, a necessidade do convívio e respeito às diversidades culturais, condição fundamental para as práticas educacionais que tenham como maior valia a transformação social e cidadania.

Referências bibliográficas

GREIMAS, A.J. “As aquisições e os projectos”. IN **Introdução à Semiótica Narrativa e Discursiva**. COURTÉS. Coimbra: Almedina, 1979.

GREIMAS, A.J. & COURTÉS. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1989.

GOIS, A. **Desigualdade educacional é ainda maior que a de renda**. Folha de SPaulo, Caderno Cotidiano, 24/12/2007.

MELO, E. M. “Discurso Midiático, valores em circulação e identidade.” IN **Linguagens, Tecnologias, Culturas**. GARCIA, W; PRADOS, R.M.N. São Paulo: Factash Editora, 2008.

MUÑOZ, V. Educação e Direitos Humanos. Opinião, Folha de SPaulo, 3/2/2008.

UNESCO. **Educação para todos. O compromisso de DAKAR**. Brasília, UNESCO/ CONSED: Ação Editorial, 2001